

[CARTAS DO LEITOR]

O meu barómetro não falha

Sem conhecimentos de economia, uso o meu barómetro sobre o estado da nação, que me indica, no que respeita aos meus hábitos, uma descida de qualidade de vida conflagradora. Até há meia dúzia de anos, mensalmente, reservava um domingo para um passeio num raio de 150/200 quilómetros, que serviam para apreciar a nossa gastronomia, as belezas paisagísticas das nossas terras e sempre que possível, uma visita a igrejas, mosteiros ou museus e a respetiva lembrança para os sogros. Com os aumentos do combustível, portagens, IVA, etc., o raio foi encurtando e há cerca dum ano já não me afastava mais de 30 quilómetros. Ultimamente a situação piorou e tenho que contentar-me com o passeio dos tristes sem sair da Invicta indo até ao Castelo do Queijo onde aproveito para comprar lingua da sogra à senhora que também vende rebuscados da Régua, deixando-me ficar a procurar lá longe, no horizonte, o regresso de D. Sebastião. Consequentemente, as gasolinheiras, restaurantes, concessionários das autoestradas, oficinas mecânicas e de pneus, artesãos, etc., deixaram de faturar. Muitos encerraram, outros lá se vão aguentando mas dispensaram pessoal, enfim, deixaram de fornecer as Finanças com o pagamento de impostos. Resultado: o desemprego a disparar e as receitas a diminuir. Simples e previsível para quem usa barómetros. Muito complicado para os grandes cérebros que nos (des)governam.

Jorge Morais
katuas.morais@gmail.com

O "silêncio" de Portas

Paulo Portas tem andado muito calado. Cabisbaixo, até. O tão popular "Paulinho das feiras", sempre tão eloquente, parece estar com algum problema nas cordas vocais. Tanto silêncio, tanto "sentido de Estado", parece indiciar que algo vai mal no reino da coligação. Será que está a posicionar-se para dar a "volta por cima" e tirar o "tapete" ao mal preparado (desilusão) Passos Coelho?

José Cardoso
Oeiras

O ministro ilusionista

Então o que é que esperavam das "novas" medidas de austeridade anunciadas por Vítor Gaspar? Só um português muito bem intencionado é que acreditaria em boas notícias de um Governo que ainda nada fez para diminuir o pesado défice e bem ao contrário se tem servido dos salários de quem trabalha e não só, para diminuir o buraco do Estado à custa de mais austeridade e protegendo os senhores do capital, a Banca e seus "compadres"!

Afinal esta manobra "camuflada" da retirada da TSU não foi mais do que uma jogada para enganar o povo com a substituição por outra estratégia que visa alcançar ainda mais milhões à custa da redução dos salários e do envio para casa de 40 mil funcionários públicos e professores e alterações dos escalões do IRS.

O ridículo e desnoite do ministro das Finanças é tal que disse até que os funcionários públicos, pensionistas e idosos vão viver melhor em 2013!!! Talvez, porque nas contas de Vítor Gaspar o Governo vai "devolver" aos funcionários públicos 1 vencimento e aos pensionistas e reformados 1,1. Mas o que é isto? Não será anedota? Como é que chegou a estes números sr. ministro? Não querará explicar melhor aos portugueses como fez estas contas?

Tudo isto não passa de uma hipocrisia que vai agravar o nível de vida dos cidadãos e alargar o fosso que separa os mais ricos dos outros (!) numa sociedade com enormes assimetrias onde os senhores mais poderosos ditam as suas leis e ainda são contemplados com as maiores mordomias, cargos de elite onde acumulam chorudos vencimentos à custa da exploração do povo num país que a continuar por este caminho rapidamente chegará à bancarrota! Em 2013 teremos 16,4% de taxa de desemprego o que equivalerá a 1,2 milhões de desempregados! E depois admitem-se de o povo estar revoltado e cada vez mais encher as ruas deste Portugal que se quer independente e soberano!

Edgar Carvalho
edgarcarvalho1@hotmail.com



DORRITOS RESERVADOS

***HISTÓRIA DE //**ISABEL FERNANDES Psicóloga distinguida com prémio europeu para melhor voluntária em 2012, depois de cumprir missão durante um ano em Moçambique. Por Helena Teixeira da Silva

“África é minha casa e o meu caminho”

Voluntária coordenou projeto no terreno com mais de 900 beneficiários

Não regressou a casa, Portugal, em agosto. Deixou aquela que considera a sua casa, África, em agosto. Para trás, fica um ano “a acordar todos os dias às cinco da manhã”, todos os dias a fazer aquilo que mais gosta de fazer: “Cuidar”, como diz Mia Couto, “da nossa casa que é o Mundo”. Com ela traz “sorrisos, olhares, esforços, muita vontade de acreditar. E mais vontade de regressar.” A Moçambique. “Sempre soube, pelo menos desde a adolescência, que África é a minha casa, o meu caminho, a minha vida.”

Isabel Fernandes é de Famalicão, tem 24 anos, licenciatura e mestrado em Psicologia, e um percurso dedicado ao voluntariado. Esta semana foi distinguida com o prémio europeu na categoria de Melhor Voluntário 2012, atribuído pela Active Citizens of Europe Awards, galardão que irá amanhã receber em Florença, Itália. O júri, que é constituído por elementos da Comissão Europeia, organizações da sociedade civil e voluntários, destacou “o seu mérito do excelente desempenho na

promoção da coesão, justiça e solidariedade”. “Não se parte em missão a pensar em prémios”, afirmou a voluntária. “Nem sequer sabia que me tinham candidatado, fiquei surpreendida. Não é a parte importante, mas é uma cereja que me deixa feliz.”

Esteve em Moçambique, no Sul, pela primeira vez, em 2009, numa ação de dois meses. Em 2011, já inserida na Ataca, Associação de Tutores e Amigos da Criança Africana (www.ataka.org), regressou àquele país, ao Norte (Quelimane, Ocua e Inhassunge), para coordenar uma missão que pretende “com-

bater a pobreza extrema de crianças entre os dois e os 18 anos”, através do Projeto Tutor à Distância (PTaD), que conta com donativos para assegurar a educação da população.

Isabel foi responsável pelo acompanhamento de 900 beneficiários diretos daquela organização não governamental. “O nosso trabalho consiste em gerir e distribuir os donativos, dar-lhes retorno do seu investimento com correspondência sobre o desenvolvimento das crianças, gerir as tarefas dos voluntários no terreno, recolher e analisar dados relativos ao índice de pobreza múltipla e nutrição, promover ações de formação de higiene, segurança alimentar, prevenção do VIH ou da violência doméstica.”

Como é um dia normal em Moçambique? Ela sorri. “Não há dias normais nem iguais em Moçambique. Mas deixei-me fechar os olhos para pensar no que estaria a fazer neste momento”, pede. O relato é emocionado, descreve “os meus meninos” e as “minhas mães”, fala de “afeto”, de “aprender a autonomia”, e do prazer de “um ler um livro para todos”. Isabel não queria voltar. Voltou, está à procura de emprego, mas é lá que o seu coração continua a pulsar. Lá, “onde as pessoas não deixam de sorrir, apesar das dificuldades.”

“A crise em Portugal preocupa-me, até porque estou à procura de emprego. Mas relativizo, porque agradeço a dívida de estar viva.”

Isabel Fernandes
Voluntária em Moçambique